

# A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961-1970)<sup>1</sup>

RODRIGO MARTINS RAMASSOTE

**resumo** Este artigo examina a trajetória institucional e a influência formativa de Antonio Candido no período entre 1961 e 1970, quando ele se torna o principal professor, orientador e responsável pelo curso de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP). Em particular, descreve em detalhe as principais características da estrutura e dinâmica organizacional do curso, buscando evidenciar a sua importância para a consolidação da identidade profissional e a notoriedade alcançada por Candido no campo da crítica literária contemporânea. Na parte final, comparo o modelo de atuação profissional assumido por Candido à frente do curso e as iniciativas realizadas pelo sociólogo Florestan Fernandes na direção, a partir de 1954, da cadeira de Sociologia I da FFCL/USP.

**palavras-chave** Antonio Candido. História Intelectual. Crítica Literária Brasileira. Escola Paulista de Sociologia. Florestan Fernandes.

Se você considerar a crítica brasileira atual, verá que alguns dos seus melhores praticantes trabalharam e fizeram pós-graduação comigo. (Candido, 2001, p. 115).

Este artigo pretende examinar a trajetória institucional e a influência formativa de Antonio Candido no período compreendido entre 1961 e 1970, quando ele se torna o principal professor, orientador e responsável pelo curso de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP).

Mais precisamente, proponho descrever em detalhe as principais características da estrutura e dinâmica organizacional desse núcleo acadêmico, considerando, de um lado, o programa curricular, o regimento disciplinar, o perfil de seu quadro docente, o recrutamento dos colaboradores com a expansão das atividades acadêmicas, e, de outro, o conteúdo das disciplinas oferecidas e as áreas e linhas temáticas de pesquisa desenvolvidas. Em seguida, na parte final, comparo o modelo de atuação profissional assumido por Candido à frente do curso com as iniciativas realizadas pelo sociólogo Florestan Fernandes na direção, a partir de 1954, da Cadeira de Sociologia I da FFCL/USP.

Embora tenha se dedicado aos estudos literários desde o começo de seu itinerário intelectual, colaborando em periódicos culturais e na grande imprensa paulista, publicando livros importantes nessa área de estudos e, ainda, tendo conquistado em concurso o título de livre-docente em literatura brasileira com pesquisa sobre o crítico sergipano Sílvio Romero<sup>2</sup>, Candido, como se sabe, graduou-se em Ciências Sociais (1939-1941), passando a atuar logo após formar-se como professor assistente da Cadeira de Sociologia II na FFCL/USP e permanecendo nesse cargo até 1958.

Com a criação do curso de Teoria Literária e Literatura Comparada (TLLC)<sup>3</sup> é que de fato ele passa a exercer atividades de pesquisa e docência e consolida sua identidade profissional no campo das letras, promovendo a montagem e manutenção de uma infra-estrutura acadêmi-

ca bem-sucedida ao organizar o currículo da graduação e pós-graduação do curso; convocar docentes para compor o programa; recrutar e contratar, entre alunos e orientandos, futuros professores; gerenciar o acervo intelectual e pessoal de grandes intelectuais e escritores (incorporando tal espólio ao meio universitário, assim como supervisionando o seu acesso e consulta); providenciar a captação de recursos financeiros para pesquisa (através de bolsas de pesquisa da recém-criada Fapesp); desenvolver e implementar amplos projetos de pesquisa coletiva, sugerindo temas de investigação particular, e, sobretudo, influir de maneira decisiva na formação e treinamento acadêmico de, pelo menos, três gerações de críticos literários.

Em que pese a importância decisiva deste período, pude constatar que pouca atenção foi dada às condições acadêmicas envolvidas no processo de implementação do curso de TLLC. De modo geral, os comentários disponíveis limitam-se a evocações laudatórias ou ao registro de fatos pitorescos e/ou informativos. Partindo da descrição detalhada do arcabouço do curso, na qual é possível discernir a constituição de uma área de pesquisa cuja coesão intelectual e institucional confere a seus membros componentes uma identidade profissional que nos permite, ainda hoje, reconhecer um certo estilo de trabalho distinto de outros centros de pesquisa ou segmentos da crítica literária, sugiro que tal processo acabou por reforçar a posição proeminente ocupada por Candido no interior do meio universitário contemporâneo. Daí o movimento analítico intercalado deste artigo, ora enfocando a atuação organizacional de Candido, ora perscrutando a repercussão desta na trajetória acadêmica dos diversos integrantes do curso, na tentativa de recompor as circunstâncias em meio às quais foram tomando corpo as características centrais desse nicho intelectual<sup>4</sup>.

### **Primeiros tempos: graduação e especialização (1961-1966)**

Com o apoio de um grupo de professores da USP, Candido solicitou à Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1959 – quando ainda lecionava em Assis –, a criação, em caráter experimental, da disciplina de “Teoria Literária” para integrar o currículo do curso de Letras, com o objetivo de aperfeiçoar a formação acadêmica dos alunos nessa área de estudos. Para facilitar a tramitação do pedido diante dos requisitos e exigências administrativas, o curso foi inicialmente denominado “Teoria Geral da Literatura”, alegando-se como justificativa a existência de disciplinas introdutórias congêneres em outros cursos de ciências humanas, como Direito, História, Educação, etc.

Aprovada a proposta pelo conselho universitário, Candido assume a direção do curso no início de 1961, providenciando já no ano seguinte a alteração de sua denominação inicial para “Teoria Literária e Literatura Comparada”<sup>5</sup> em virtude de suas principais convicções sobre o ângulo adequado para o estudo da formação do sistema literário brasileiro, forjado em correlação estreita e dialética com as literaturas de matrizes europeias, das quais derivam suas principais características (imagens, repertório temático, soluções formais)<sup>6</sup>.

Ao iniciar as atividades, o currículo acadêmico do curso ficou composto da seguinte forma: no âmbito da graduação, foram criadas duas disciplinas, inicialmente facultativas – “Introdução aos Estudos literários”, oferecida para os alunos ingressantes do primeiro ano, e “Teoria Literária e Literatura Comparada”, destinada às turmas do quarto ano, ambas ministradas por Candido. Em extensa carta enviada em 1963 a João Alexandre Barbosa, então professor da Universidade Federal de Pernambuco<sup>7</sup>, Candido comentava que:

A fim de verificar a viabilidade, eficácia e aceitação do Curso, pedi que fosse considerado totalmente facultativo em todos os níveis, e assim tem sido [...]. Os cursos despertaram interesse. O do 1º ano, sendo facultativo, foi seguido talvez por mais da metade dos inscritos nos cursos de letras, que o reputam importante para a iniciação. Este curso introdutório é mais ou menos fixo, e vai mudando aos poucos cada ano com a experiência (Candido, 1995b, p. 32).

Com a consolidação do curso, entretanto, a disciplina “Introdução aos Estudos Literários” torna-se obrigatória no currículo dos alunos: “Neste ano [1963] a situação mudou com a revisão curricular, alguns professores estabeleceram Teoria Literária como obrigatória na 1ª série [...]” (Idem, p. 32). Por outro lado, em decorrência do estágio formativo avançado do público discente, a disciplina oferecida para o quarto ano permanece eletiva, com base em seminários de estudo: “Nas séries finais, impõe-se o curso monográfico ou o seminário em torno de um problema [...]” (Idem, p. 32).

Em relação ao conteúdo programático debatido com os alunos de “Introdução aos estudos literários”, durante os três primeiros anos de experiência do curso, pode-se obter um esboço geral da matéria lecionada por intermédio da carta mencionada – cujo anexo, remetido a João Alexandre Barbosa, reproduz as diretrizes de estudos adotadas: discussão sobre a natureza da obra literária; os fatores internos (normas, gêneros, estilo) e externos (sociais, culturais e psíquicos); a função social, recepção crítica e influência cruzada entre obras; e, por fim, os modos de estudá-las (erudito, histórico, analítico e ensaístico). Com efeito, é possível surpreender nesse programa de trabalho as linhas de força do modelo de pesquisa em “ciência da literatura” esboçado pelo autor em *O método crítico de Sílvio Romero*, marco inaugural de suas formulações sobre a atividade crítica<sup>8</sup>,

como se pode verificar pela seguinte afirmação, escrita pelo jovem crítico, em 1945:

Hoje só podemos conceber como científica a crítica que se esforça por adotar um método *literário* científico, um método específico, baseado nos seus recursos internos. Estabelecimento de fontes, de textos, de influências; pesquisa de obras auxiliares, análise interna e externa, estudo da repercussão; análise das constantes formais, das analogias, do ritmo da criação: esta seria a crítica científica, a ciência da literatura (Candido, 1988, p.110).

Nos anos de 1961 e 62, Candido oferece, para os alunos do quarto ano, a disciplina “Teoria e Análise do Romance”, baseada na discussão de problemas teóricos gerais da ficção. No primeiro semestre de 1961, a matéria foi dedicada ao estudo de questões de ordem teórica, enquanto no segundo analisou-se em sala de aula *Senhora*<sup>9</sup>, uma das obras-primas de José de Alencar<sup>10</sup>. Ao final do semestre letivo, por iniciativa de Candido e deliberação dos alunos, foi realizado um Seminário Interdisciplinar em que se aprofundaram questões relacionadas ao tópico personagem<sup>11</sup>.

Se levarmos a sério uma afirmação de Candido que assinala o fato de que “as aulas estimulavam meus escritos, e quase todos os meus **ensaios são sucedâneos de cursos e conferências**” (Candido, 1993d, p. 39 – grifos nossos)<sup>12</sup>, poderemos obter uma visão aproximada do conteúdo do seminário e das questões nele debatidas. Para tanto, recorro ao ensaio “A personagem do romance”, resultante dessa experiência de ensino, marcado pela reflexão acerca das principais técnicas de caracterização dos personagens fictícios. Partindo do princípio de que o conhecimento sempre parcial e finito da realidade e do ser humano implica, no âmbito da ficção, a necessidade de simplificação, o que leva o escritor a selecionar e organizar de

maneira coerente num personagem uma gama de “traços, gestos, frases, objetos significativos” capazes de torná-lo verossímil na economia interna da obra, Candido afirma que nesse processo de “seleção estrutural” dos traços e atributos que compõem uma determinada personagem importa antes a escolha de elementos expressivos entrosados com a composição geral da obra do que a cópia fiel da realidade. Segundo o crítico, na “marcha do romance moderno” pode-se discernir a passagem, a partir do século XVIII, de “enredos complicados com personagens simples” para composições literárias de enredos simples com personagens complicados, “no rumo de uma complicação crescente da psicologia das personagens, dentro da inevitável simplificação técnica imposta pela necessidade de caracterização” (Candido, 1987, p. 60). Em conclusão,

no plano crítico, [...] o aspecto mais importante para o estudo do romance é o que resulta da análise de sua composição, não da sua comparação com o mundo. Mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ela só aparecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente (Idem, p. 75).

Após o exame em sala de aula da prosa de ficção, a matéria lecionada, nos anos de 1963 e 1964, volta-se para o “estudo analítico do poema”. Na apresentação do “Programa”<sup>13</sup>, Candido esclarece que a disciplina não tem como objetivo discutir o “problema da criação poética em abstrato”, da “natureza íntima” da poesia, mas abordar manifestações concretas de poemas. Tal preocupação expressa a postura pedagógica central adotada no âmbito das atividades de ensino do curso:

ensinar de maneira aderente ao texto, evitando teorizar demais e procurando a cada instante mostrar de que maneira os conceitos lucram em

ser apresentados como instrumentos de prática imediata, isto é, análise (Candido, 2004, p. 8).

Em parte pela propalada “vocação para o concreto”, em parte pela influência do exercício precoce da atividade crítica na grande imprensa<sup>14</sup>, as diretrizes gerais das práticas de ensino adotadas assentam, como se percebe, sobre a importância atribuída por Candido ao estudo detido de cada poema específico, no qual as discussões de ordem teórica estão entranhadas no cerne da prática textual, tendência que se contrapunha ao ensino de literatura vigente nesse período, “marcado sobretudo pelo ângulo histórico: biografia dos autores e caracterização dos períodos literários” (depoimento concedido em 15/06/2005).

No tocante aos autores estudados nas duas disciplinas da graduação, Candido distingue o seguinte critério didático: para os alunos do primeiro ano as leituras de ficção e poesia concentravam-se de preferência em “autores tradicionais”, por apresentarem menores dificuldades de leitura, destacando-se Gregório de Mattos, Raimundo Correia, alguns trechos de José de Alencar e contos de Machado de Assis, ao passo que os alunos do quarto ano e da especialização dedicavam-se a autores vinculados ao movimento modernista – os quais oferecem, em razão das inovações e desafios formais, menor nível de compreensão – e releituras atualizadas dos “clássicos”, como, por exemplo, José de Alencar (*Senhora*) e Machado de Assis (*Quincas Borba*, alguns contos)” (Candido, 2004, p. 8).

Ao longo desses primeiros três anos de trabalho, Candido encarregou-se das disciplinas formativas oferecidas para a graduação. Não obstante, “preocupou-se desde logo em formar uma equipe, que pudesse continuar e desenvolver as atividades da disciplina recém-criada” (Candido, 1974, p. 21). O primeiro integrante recrutado para auxiliá-lo nas atividades do-

centes foi o jovem estudante egresso do curso de Ciências Sociais Roberto Schwarz, pouco adaptado ao padrão de trabalho intelectual que então prevalecia em sua formação de origem e já propenso a seguir carreira no campo da crítica literária, com a publicação dos primeiros trabalhos na área<sup>15</sup>. Por recomendação de Candido, Schwarz obteve em fins de 1961 uma bolsa de pesquisa para aperfeiçoar os estudos em teoria literária no meio universitário norte-americano, permanecendo na Universidade de Yale, durante o período de um ano e meio, sob a orientação do renomado René Wellek<sup>16</sup>. De volta ao país, no final de 1963, o jovem crítico foi nomeado professor-assistente do curso, ficando encarregado das aulas de “Introdução aos Estudos Literários”.

No nível da pós-graduação – por enquanto “Especialização” ou quinto ano –, o curso começou a oferecer disciplinas formativas em 1961, ocorridas na “sala 11, a sala de aulas maior do prédio da Rua Maria Antônia, às sextas-feiras, às dez, aula dupla, prolongando-se até depois do meio-dia” (Lopez, 1992, p. 43). No primeiro ano de atividades, a matéria lecionada concentrou-se na discussão dos principais problemas de Ecdótica (Edição Crítica), assunto que até então havia recebido pouca atenção “nos currículos de Letras”, examinando, para efeito de demonstração, alguns contos de Machado de Assis – em especial “A causa secreta”. O que chama a atenção, de saída, é a retomada do conteúdo do curso oferecido para os alunos do primeiro ano de Letras da Faculdade de Filosofia e Letras de Assis, em 1959, trazendo para o primeiro plano a importância da discussão a respeito dos elementos

que dão à obra individualidade material[, a partir da sondagem de] como se faz para decifrar letras, preencher lacunas; dar fidedignidade ao seu texto; averiguar quem a elaborou; mostrar como se leva em conta seu autor; como o

ambiente artístico e social influi no seu estilo; como os autores se agrupam em gerações; como as obras possuem características gerais que permitem distingui-las por períodos, etc (Candido, 2005, p. 15),

temática que estimulou a consolidação de uma prática de pesquisa que viria a ser decisiva na produção crítica de alguns de seus mais destacados discípulos<sup>17</sup>.

Na tentativa de inferir o conteúdo da matéria lecionada, lanço mão do importante ensaio “Esquema de Machado de Assis”, apreciação de parte significativa da produção ficcional do escritor fluminense preocupada em caracterizá-la em sua originalidade e modernidade. Após definir o “tom machadiano”, isto é, a matriz formal que rege a ficção do autor, baseada na sugestão das

coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob a aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro (Candido, 1995d, p. 27),

Candido identifica, mormente na produção contística machadiana, temas recorrentes como a crise de identidade do sujeito, os grandes dilemas éticos e morais, as fronteiras tênues entre sanidade e loucura, a aspiração obsessiva da perfeição artística, a relação entre fatos reais e imaginados, os sentidos (ou ausências de) dos atos individuais e a reificação das relações humanas.

No ano seguinte, o assunto tratado na “Especialização” consistiu na leitura, realizada em conjunto com os alunos com vistas a formular uma interpretação coletiva, do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, confirmando a centralidade do escritor como objeto de estudo e pesquisa privilegiado no âmbito do curso.

Acima verificamos que a partir de 1963 os cursos oferecidos para o quarto ano dedicaram-se ao “estudo analítico do poema”. Na “Especialização” essa tendência se repete através do exame da obra poética dos principais autores do movimento modernista – Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Mello Neto, entre outros. Tratava-se de uma opção inovadora no interior dos cursos de Letras, cujo currículo, naquela altura, ficava restrito, em termos cronológicos, das primeiras manifestações literárias surgidas na colônia ao movimento estético naturalista – admitindo-se, no limite, a leitura das obras de Aluísio Azevedo e Raul Pompéia –, seguindo critérios vigentes em âmbito mundial, os quais estabeleciam como legítimas apenas as análises de autores já ajuizados pela tradição crítica. Ao extravasar os limites temporais aceitáveis, contrapondo-se aos padrões vigentes dessa tradição de ensino acadêmico – sintetizados pela afirmação do professor Fidelino de Figueiredo, para quem “só se estuda autor morto, porque a obra já está fechada e você pode fazer a avaliação” (depoimento pessoal em 15/06/2005) –, Candido investiga boa parte da produção poética modernista, auxiliando nessa tarefa pela publicação

de edições acessíveis dos poetas, as da Editora do Autor, no Rio de Janeiro, dirigida por Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos. Eles fizeram antologias de Cecília Meireles, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes e outros. Com esses livros em mãos, pude dar curso sobre os poetas modernos (Candido, 2002b, p. 25)<sup>18</sup>.

Estratégica, a escolha permitiu a Candido, em virtude de suas relações pessoais e intelectuais com os principais membros do movimento modernista<sup>19</sup>, firmadas tanto durante os anos

em que exerceu a função de crítico literário na grande imprensa quanto no interior dos círculos literários e intelectuais que frequentou, tornar-se, de certa forma, herdeiro dessa tradição intelectual ao contribuir para sedimentá-la no interior da academia<sup>20</sup>.

Os alunos do quarto ano das turmas de 1963 e 1964 dedicaram-se, como se pode constatar no conjunto das aulas reunidas em *O estudo analítico do poema*, à leitura de poemas de Manuel Bandeira. Pode-se recompor com nitidez o andamento das discussões realizadas durante as aulas com base no depoimento de Rocco (1992). Segundo ela, durante as primeiras aulas do curso Candido indicou aos alunos a leitura da recém-publicada *Antologia Poética* do poeta pernambucano, orientando-os

para que lêssemos todos os poemas e anotássemos o nome daqueles que mais nos tinham atraído. Era tarefa para a aula seguinte. Não se tratava exatamente de uma ordem – antes uma indicação de caminho que pessoa alguma sequer cogitava em não seguir [...]. Antonio Candido, como fazia com todos os textos que cada um de nós indicava, leu o poema todo, *disse* o poema, daquela forma tão especial que caracterizava suas leituras em classe.

Ao final, “a escolha recaiu em “Última Canção do Beco”. Semanas e semanas permanecemos debruçados sobre o poema” (Rocco, 1992, p. 177)<sup>21</sup>.

No ensaio “Estrela da Vida Inteira”<sup>22</sup>, Antonio Candido e Gilda de Mello e Souza constataam na produção poética de Manuel Bandeira um

certo tipo de materialismo que o faz aderir à realidade terrena, limitada, dos seres e das coisas, sem precisar explicá-los para além de suas fronteiras; mas denotando um tal fervor, que bane qualquer vulgaridade e chega, paradoxalmente,

a criar uma espécie de transcendência, uma ressonância misteriosa que alarga o âmbito normal do poema (Mello e Souza & Candido, 1980, p. 58).

Avaliando o percurso estilístico da obra poética de Bandeira, da influência literária penumbrista às conquistas estéticas modernistas, o casal assinala o progressivo aprofundamento de tal procedimento literário em sua poesia madura, na qual o cotidiano é tratado “com um relevo que sublinha a sua verdade simbólica e, inversamente, o mistério tratado com uma familiaridade minuciosa e objetiva que o aproxima da sensibilidade cotidiana [...] (Idem, p. 63)<sup>23</sup>. Desse núcleo central derivam os principais temas e procedimentos da poética bandeiriana: a frustração diante das alternativas de vida interceptadas pela doença, a visão onírica como refúgio imaginário, a musicalidade dos versos, o golpe de vista certo para surpreender o “momento poético”, a evocação da morte e o sentido das imagens recorrentes da rosa e estrela e, finalmente, o estilo despojado de artifícios retóricos, reduzido ao essencial.

A disciplina de 1963, na “Especialização”, foi dedicada ao exame da poesia de Mário de Andrade. Durante meses os alunos exploraram com minúcia o poema “Louvação da Tarde”. Mais uma vez, os parâmetros do debate em sala de aula podem ser obtidos pela leitura do ensaio “O poeta itinerante” (1993c). No entender de Candido, esse longo poema meditativo, escrito em outubro de 1925, registraria tanto um momento de guinada no itinerário poético de Mário de Andrade, ao realizar a transição da poesia “mais exterior dos primeiros tempos de luta modernista” para as “manifestações de um lirismo mais profundo, menos comprometido com a notação exterior e o pitoresco”, quanto transformações mais gerais no interior do ideário estético modernista, ao incorporar “as conquistas expressionais e temáticas a um

esquema do passado”, indicando que a “mensagem da vanguarda poderia se entroncar na tradição” (Candido, idem, p. 258). Por meio de uma “descrição crítica” da composição do poema, baseada no exame de seus aspectos técnicos (versificação, ritmo e vocabulário) e de inferências comparativas com certas modalidades tradicionais de poesia meditativa romântica, de procedência inglesa e francesa, Candido demonstra as inovações conferidas pelo escritor paulista nesse subgênero poético: a presença do automóvel no lugar da caminhada solitária ou a cavalo e a extensa amplitude do devaneio, abarcando tanto reflexões pessoais quanto ponderações de ordem mais geral sobre o país. Por tudo isso, conclui que o tema de ‘Louvação da tarde’

parece transcender ao tempo, na medida em que encarna também o andamento da produção literária, mostrando que Mário de Andrade era capaz de passar do modernismo propriamente dito à modernidade, que recupera a tradição de superá-la (*Op. cit.*, p. 278).

No decorrer das aulas, surgiu a ideia de proceder com os alunos interessados em um levantamento sistemático das anotações marginais inscritas no acervo de livros da biblioteca particular de Mário de Andrade. Nas palavras de Telê Ancona Lopez:

Em maio, Antonio Candido contou que os livros do autor de *Macunaíma* eram donos de uma rica *marginalia* que precisava ser levantada e estudada. Eu me assanhei e propus: ‘Nas férias de julho se podia fazer isso’. A classe visitou a casa da Lopes Chaves; vimos os livros e em julho, de fato, começamos. Maria Helena Grembecki, uma jovem chamada Yvone Aguilera, depois substituída por Nites Feres, pesquisadora exemplar, e eu. Entramos em 63 e o trabalho só terminou em agosto de 68, isso porque, com a ajuda do professor, começamos a microfilmá-los.

Tombamos os livros e transcrevemos/microfil-mamos a *marginália*. O método era simples: ficha laranja – ou terra de Sienas, como falávamos, convencidas – para o registro bibliográfico e brancas para as anotações de Mário (Lopez, 1992, p. 45).

No ano seguinte, o curso oferecido abordou o universo poético de Carlos Drummond de Andrade, cujo conteúdo debatido pode ser entrevisto a partir do ensaio “Inquietudes na poesia de Drummond”. Identificando, no bloco central da obra poética do escritor mineiro (redigida entre 1935 e 1959), certas inquietações recorrentes, Candido chama a atenção para a relação conflituosa de fundo entre a experiência existencial e social – individual e coletiva – na construção do discurso lírico do autor, ambas referidas “ao problema decisivo da expressão, que efetua a sua síntese” (Candido, 1995e, p. 112). Encaradas como um “núcleo emocional a cuja volta se organiza a experiência poética” de Drummond, tais tensões, segundo Candido, se desdobram em certas preocupações constantes, tais como o sentimento permanente de culpa e negação do ser, expresso, no limite, pelo tema da automutilação; a relação difícil com o mundo social abrangente (sobretudo na esfera do amor conjugal, dos compromissos mundanos e da família); da incompreensão, incomunicabilidade e medo diante da realidade ao redor (a despeito das tentativas de engajamento e participação ensaiadas pela poesia social) e da lembrança remissiva da cidade natal, da casa familiar e da autoridade patriarcal na tentativa de se autocompreender, culminando na meditação sistemática, de ordem estética, “sobre o problema da poesia”.

Convidado para lecionar na Universidade de Paris VIII (Sorbonne) e no Institut des Hautes Études de l’Amérique Latine, Candido se afasta das funções acadêmicas do curso e parte para a França no começo de 1965, per-

manecendo em Paris durante todo o ano letivo. Nessa ocasião, ele ministrou, para a graduação, disciplinas sobre a poesia indianista de Gonçalves Dias, principais poetas árcades, a obra de Carlos Drummond de Andrade e, para a pós-graduação, curso sobre o romance brasileiro moderno. Tais escolhas temáticas, em parte destoantes do conteúdo programático lecionado no Brasil, decorrem de imposições

de programas pré-determinados que eu tive que seguir. Eu dava aulas na Sorbonne e no Institut des Hautes Études de l’Amérique Latine, seguindo em ambos exatamente o que o Ministério da Educação Francesa havia determinado. Em geral, eles incluíam nos curso autores que seriam objetos de concursos, para exames do 3º ciclo (depoimento concedido em 15/06/2005).

Nesses dois anos de ausência, as atividades do curso no nível da graduação foram conduzidas pelos assistentes de ensino Roberto Schwarz e, a partir de 1965, Walnice Nogueira Galvão<sup>24</sup>.

### **Pós-Graduação: Regime Antigo (1966 - 1970)**

Regressando ao país, Candido decide expandir as atividades acadêmicas do curso, organizando o currículo da pós-graduação. Como Lopez relata: “Voltando, em 66, comunicou-nos: Vocês vão fazer máster, que agora é o começo da carreira na universidade!” (Lopez, 1992, p.45). A partir de então, o curso passa por alterações na estrutura curricular: em lugar da matéria isolada na “Especialização”, os alunos deveriam cursar um conjunto de disciplinas, composto por *Teoria Literária A e B*, ministrada por Antonio Candido, e *Teoria e História do Cinema*, sob a direção de Paulo Emílio Salles Gomes, ambas em regime obrigatório; *Sociologia da Arte*, a cargo de Ruy Coelho, *Estética*, lecio-



nada por Gilda de Mello e Souza e, finalmente, *História da Arte*, oferecida por Walter Zanini, todas em caráter eletivo.

Como se pode notar, a área ficou nucleada em torno de Antonio Candido, responsável por duas das disciplinas obrigatórias do currículo, sendo convocados para as demais, com exceção de Zanini, os principais membros do Grupo Clima<sup>25</sup>. Formada ao redor de intelectuais que compartilhavam um certo ideário crítico comum, essa unidade curricular certamente assegurou uma forte integração institucional e intelectual no interior do programa de ensino e pesquisa do curso, contribuindo em larga medida para homogeneizar as disposições intelectuais e cognitivas dos alunos.

Nesse regimento, o curso de pós-graduação deveria ser realizado em dois anos: no primeiro, “o aluno era levado a fazer cursos estranhos ao currículo de Letras, tais como: Teoria e História do Cinema, Estética, Sociologia da Literatura, História da Arte”; no segundo, ocorria o estudo das “Teorias Críticas, após o que os bons alunos eram encaminhados para a elaboração de uma tese” (Candido, 1973, p.415). Segundo Nitrini, o curso

não conferia título de mestrado ou doutorado. Este poderia ser obtido depois, por meio de dissertação ou tese, se o aluno o desejasse e fosse aceito pelo orientador. No entanto, ele tinha direito a um Certificado de Pós-Graduação (Nitrini, 1994, p. 475).

Além das duas disciplinas oferecidas, Candido passou a organizar com seus orientandos seminários expositivos sobre as pesquisas em andamento. A aluna Teresa Vara<sup>26</sup> registra que:

Ali, naquela pequena sala da Maria Antônia, vi surgirem os primeiros e mais importantes trabalhos que iriam definir as diversas linhas de pesquisa em teoria literária, quase todos eles

voltados para as relações entre forma literária e realidade social: o trabalho de Roberto Schwarz sobre o romance machadiano, a tese de Walnice Galvão sobre Guimarães Rosa, o trabalho de João Alexandre Barbosa sobre José Veríssimo, a pesquisa de Onédia [Pereira Barboza] sobre as repercussões de Byron no Brasil; e as primeiras leituras de Mário de Andrade, feitas por Telê Ancona Lopez, Nites Feres e Maria Helena Grembecki (Vara, 1999, p. 235).

No biênio 66/67, as disciplinas da Pós-Graduação oferecidas por Candido foram concentradas em cursos monográficos sobre poetas brasileiros – em 1966, sobre o poema *I – Juca Pirama*, de Gonçalves Dias; no ano seguinte, os autores examinados são Gregório de Mattos, alguns poetas românticos e, novamente, Manuel Bandeira. Na graduação, Candido retoma as aulas para o quarto ano com os seguintes cursos: “Compreensão e realismo no romance”, em 1966, e no ano seguinte “Realidade e irrealidade na ficção”, estudando, no primeiro semestre, a saga de *A Demanda do Santo Graal* e, no segundo, *Fogo Morto*.

Em 1968, Candido deixa novamente o país, dirigindo-se para os Estados Unidos, onde realiza palestras (entre elas, uma conferência sobre Machado de Assis, na Universidade de Madison, Wisconsin, a pedido de Jorge de Sena<sup>27</sup>) e leciona na Universidade de Yale a disciplina, na pós-graduação, “Le milieu et la représentation dans le roman naturaliste”<sup>28</sup>. Retornando em 1969, ministra, na pós-graduação, o seguinte curso: “Leitura política dos textos literários: o Ricardo II, de Shakespeare”. À primeira vista, o tema se afasta das preocupações intelectuais centrais de Candido, ao enveredar pelo estudo do gênero dramático. No entanto, em uma conjuntura marcada pela repressão política e pela censura, o conteúdo do curso fazia alusão ao regime autoritário em voga, compondo um sugestivo paralelo com

a realidade do país no final da década. Pode-se avistar o conteúdo das discussões em sala de aula no ensaio “A culpa dos reis: mando e transgressão no *Ricardo II*”<sup>29</sup>, no qual, após resumir os principais acontecimentos da peça *Ricardo II*, destacando como episódios centrais o assassinato do rei Ricardo Plantageneta e a usurpação de seu trono pelo príncipe Henrique Bolingbroke, Candido identifica a “representação figurada” do exercício do mando através da análise de “algumas situações dramáticas e as imagens que constituem o substrato simbólico da peça, transfigurando a realidade dos interesses políticos”. Segundo o crítico, no cerne da peça, ocorre a transição da natureza política do poder, que passa da legitimidade com base no direito divino e hereditariedade, encarnada pelo rei Ricardo, para a conquista do trono por meio do desempenho eficaz de Henrique. Com isso, conclui-se que “nas partes iniciais avultam as imagens ligadas ao sangue, veículo do direito divino [...]”; no meio, “imagens vegetais e cósmicas, assim como referências à unção; elas marcam a crise do poder, com a perda consequente da ligação entre rei e natureza [...]” e, na parte final, “perdida a sua autoridade, destacam-se imagens materiais que mostram a dissociação entre a função e a pessoa, pois Ricardo perdeu a realeza e se tornou apenas um indivíduo” (Candido: 2007, p.124).

Quanto aos estudos de Literatura Comparada, Candido organizou, no decorrer do segundo semestre de 1966, um grupo de discussões, em encontros quinzenais, composto por pesquisadores das diversas cadeiras de língua estrangeira do curso de Letras com trabalhos ligados ao assunto, o qual ficou conhecido como “Círculo de Literatura Comparada”<sup>30</sup>. Segundo ele informa:

Como eu não estava naquele momento oferecendo disciplinas de literatura comparada<sup>31</sup>, apenas de teoria literária, resolvi convidar pes-

quisadores das diferentes cadeiras de literatura estrangeira que redigiram ou estavam redigindo trabalhos na área de literatura comparada para discutir os temas de pesquisa em andamento (depoimento concedido em 15/06/2005).

Para esses encontros informais de leitura, que chegariam a funcionar durante dois anos, Candido convidou os seguintes pesquisadores para expor a respeito de seus respectivos temas:

Kera Stevens, orientanda em Literatura Portuguesa por Fidelino de Figueiredo, a quem devemos a introdução do interesse pela matéria na Universidade de São Paulo [...] (Candido, 1975, p. 10), “Carla de Queiroz sobre Metastásio e os árcades brasileiros, em literatura italiana; Marion Fleischer, em literatura alemã, sobre obras publicadas em alemão no Rio Grande do Sul; Onédia de Carvalho Barboza, em literatura inglesa, sobre traduções de Byron no Brasil (Candido, 1993a, p. 214).

A partir de 1970, com as reformas do sistema de ensino superior, responsáveis, entre outras, pela abolição em nível federal do regimento institucional de cátedras e definição da estrutura departamental em vigência nas atuais instituições universitárias de todo o país, o programa de pós-graduação do curso de TLLC adaptou-se às novas diretrizes educacionais, passando a funcionar com base no sistema de créditos e com disciplinas de duração semestral, extinguindo a estrutura curricular montada por Candido, resultando na “criação de uma área denominada Teoria Literária e Literatura Comparada” (Candido, 1973, p. 415). Nesse novo regimento, os cursos oferecidos por Candido concentram-se no exame das principais teorias críticas contemporâneas: no segundo semestre de 1969, discussão a respeito das “Teorias críticas contemporâneas: New-Criticism, Estilística, Estruturalismo”; no ano seguinte,

os alunos assistem ao curso de “Teorias críticas contemporâneas: Formalismo Russo, Estruturalismo”.

Com os alunos em fase adiantada de pesquisa, visando a aprimorar o instrumental teórico e analítico durante o processo de elaboração e redação final dos trabalhos, Candido propôs a realização de seminários, em encontros a cada quinze dias, com textos distribuídos previamente para a exposição dos alunos. Nessas ocasiões, como descreve Prado,

Antonio Candido escolhia um assunto para cada aluno e passava as leituras. Por exemplo, numa segunda-feira ele me pediu que apresentasse na quarta um seminário sobre Propp [...]. Cada um de nós tinha que apresentar um autor [...]. Para ele um bom seminário é articulado a partir dos problemas que se encontram dentro do texto e não uma apresentação de toda a bibliografia sobre aquele autor. Ele queria saber o que o aluno achou do tema (Prado, 2000, p. 126).

No plano administrativo, as mudanças institucionais acarretadas pela reforma de ensino permitiram, a partir de 1969, uma ampliação expressiva do quadro docente da área, com a contratação dos professores Davi Arrigucci Jr.<sup>32</sup>, João Alexandre Barbosa, Lucila Bernardet e Teresa Pires Vara, todos orientandos de Candido “em condições de assumir com eficiência a responsabilidade plena dos cursos de graduação e pós-graduação” (Candido, 1974, p. 21).

Ao contrário dos demais cursos de ciências humanas da USP, a área de TLLC não foi afetada pelo clima agitado ou aposentadorias compulsórias de professores, passando incólume pelos expurgos de 1969. O único membro do quadro docente que chegou a ser assediado pela repressão policial foi Roberto Schwarz, que, embora não tenha perdido o cargo, decidiu, com o recrudescimento da repressão política no final da década, deixar o país para se autoexilar na França<sup>33</sup>.

## Pesquisas e orientações

Com relação ao conjunto de pesquisas e orientações desenvolvidas na área, pode-se perceber que as características do perfil institucional e do quadro docente repercutiram na definição dos temas de pesquisa privilegiados e na perspectiva de análise adotada pelos trabalhos de mestrado e doutorado defendidos. Entre 1966, ano da defesa do primeiro mestrado, e 1975, quando ocorrem as últimas defesas registradas no memorial acadêmico de Candido, destaca-se a incidência de duas áreas temáticas principais: de um lado, estudos voltados à análise das obras e autores ligados ao movimento modernista; de outro, um conjunto de pesquisas dedicadas ao exame da crítica literária produzida no país<sup>34</sup>.

Das primeiras três pesquisas iniciadas sob a orientação de Candido, propostas, como vimos, durante o curso centrado na análise da poesia de Mário de Andrade, quando se decidiu identificar as anotações registradas nas margens do acervo de livros da biblioteca pessoal do escritor paulista, surgiram as três primeiras dissertações de mestrado sobre o movimento modernista defendidas na área – e no curso de Letras da USP –, em 1966: *O Sequestro da Dona Ausente*, de autoria de Telê Ancona Lopez<sup>35</sup>; *Leituras francesas de Mário de Andrade*, redigida por Nites Teresinha Feres e *Mário de Andrade e L'Esprit Nouveau*, de Maria Helena Grembecki<sup>36</sup>. Exemplos típicos do modelo de pesquisa científica adotado na área, tais monografias assentaram um novo padrão de levantamento empírico (baseado na valorização do estudo de acervos e arquivos pessoais dos principais escritores modernistas), perspectiva analítica (recortes temáticos restritos que possibilitam acesso privilegiado ao conjunto da obra do escritor pesquisado) e tratamento teórico (discussão conceitual movida pela necessidade da análise) na exploração de um veio

documental inédito e, até então, relegado ao segundo plano por pesquisadores da área em benefício da apreciação do conjunto da obra publicada de grandes escritores.

Para realizá-las, Candido obteve o apoio financeiro da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que inaugurava com a dotação o fomento de pesquisas na área das ciências humanas. Em depoimento proferido por ocasião do 25º aniversário da agência de fomento, Candido relata que:

Os estudos superiores de Letras (Literatura e Línguas) começaram no Brasil com a fundação da Universidade de São Paulo em 1934. Creio que depois disso o fato mais importante neste setor foi o apoio dado pela FAPESP a partir de 1963. A princípio este apoio foi tímido e meio desconfiado. Mas em seguida se tornou amplo e mais confiante, ao longo das diferentes gestões da Fundação. Eu fui o primeiro professor que pediu e obteve bolsa para um orientando trabalhar na investigação sobre literatura [...]. Com efeito, sempre houve uma certa resistência dos cientistas, não, é claro, quanto à validade intrínseca das Letras, pois são homens de cultura e saber; mas quanto à legitimidade dos estudos que elas comportam. Insensivelmente, faz-se certa confusão entre a Literatura e os estudos Literários [...]. A partir do momento em que a FAPESP sentiu bem esta diferença entre atividade criadora e atividade investigadora, as barreiras diminuíram (Forjaz, 1989, p. 33)<sup>37</sup>.

Inscritas ainda no campo de investigação sobre o movimento modernista, as dissertações de Lígia Chiappini de Moraes Leite e Vera Chalmers e o doutorado de Suzy Sperber dedicam-se ao levantamento comentado, respectivamente, de material relativo à repercussão do movimento modernista no Rio Grande do Sul (*Modernismo no Rio Grande do Sul*), das crônicas jornalísticas de Oswald de Andrade (*A obra*

*dispersa de Oswald de Andrade: materiais para seu estudo*) e das leituras espirituais encontradas na biblioteca de João Guimarães Rosa (*Caos e Cosmos: Leituras de Guimarães Rosa*). Aqui, novamente, o objeto empírico baseia-se em estudo de arquivo pessoal ou então levantamentos bibliográficos, realizados em conformidade com as principais diretrizes expostas acima: valorização de fontes documentais como objeto de pesquisa e ausência de discussões teórico-metodológicas desvinculadas da prática analítica.

Encerrando o ciclo de estudos sobre o modernismo, embora pautadas em proposta de análise diversa, Lígia Chiappini, Vera Chalmers e Telê Ancona Lopez retomam seus temas iniciais de pesquisa, aprofundados, respectivamente, nas teses de doutorado sobre a ficção regionalista no Rio Grande do Sul (*Regionalismo e modernismo: o caso gaúcho*), a produção jornalística de Oswald de Andrade (*3 linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade*), o ideário ideológico adotado por Mário de Andrade ao refletir sobre a cultura popular e a identidade da nação (*Mário de Andrade: ramais e caminho*), juntando-se ao conjunto a dissertação de mestrado de José Miguel Wisnik (*O coro dos contrários*).

Quanto às pesquisas produzidas a respeito da crítica literária brasileira, Candido comenta, em prefácio, sobre a promoção de um “conjunto (não organizado, mas premeditado) de estudos sobre a crítica brasileira, feitos no âmbito da disciplina de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo” (Candido, 1983, p. xii). Inaugurando o filão, João Alexandre Barbosa defende, em 1970, tese de doutorado sobre a produção crítica de José Veríssimo (*A Tradição do impasse*), seguida das dissertações de João Luiz Lafetá sobre a discussão a respeito do projeto estético e ideológico nas obras de Tristão de Athayde, Octávio de Faria, Agripino Grieco e Mário de

Andrade (1930: *a crítica e o modernismo*), e o estudo sobre as intervenções críticas de Álvaro Lins, realizado por Adélia Bezerra de Meneses (*A obra crítica de Álvaro Lins*). Nesse conjunto, pode-se discernir como pano de fundo a discussão, decisiva para a área de TLLC, a respeito de como os principais críticos brasileiros equacionaram a análise da organização interna da obra literária com a apreensão de fatores de ordem histórica e social.

Ao lado de tais filões de pesquisa dominantes<sup>38</sup>, pode-se distinguir um conjunto diversificado de trabalhos, pouco integrados entre si, mas representativos das áreas de interesse, dos assuntos pertinentes, dos períodos literários e dos autores reputados que eram discutidos no âmbito do curso, compreendendo desde pesquisas no campo da literatura comparada (Lenira Marques Covizzi com dissertação sobre *O Insólito em Guimarães Rosa e Borges*; Suzy Sperber com o mestrado *Tempo e memória: reflexões para uma análise comparada entre literatura e cinema*; Onédia de Carvalho Barboza doutorou-se com *Byron no Brasil* e Nites Teresinha Feres com *Aurora de arte do século XX: a modernidade e seus veículos de comunicação [estudo comparativo]*, passando pela literatura hispano-americana (*O Escorpião Encalacrado*, doutorado de Davi Arrigucci Jr.), pré-modernismo (Antonio Arnoni Prado com o mestrado *Lima Barreto: o crítico e a crise*; Norma Goldstein com dissertação sobre *A poesia crepuscular no Pré-Modernismo*), autores como Machado de Assis (Teresa Vara com *A Mascarada Sublime*), Murilo Rubião (*A poética de Uroboro*, mestrado defendido por Jorge Schwartz), Osman Lins (Ismael Ângelo Cintra com o mestrado *A estrutura da narrativa de Osman Lins*); reflexão sobre o ensino de teoria literária (Mariza Lajolo torna-se mestre com *O ensino de literatura no secundário*).

Por fim, além da orientação de seus principais alunos e discípulos, Candido se compromete, em caráter formal, com os trabalhos de

alguns dos principais críticos do país. São eles: Haroldo de Campos com a tese *Morfologia do Macunaíma*; Décio Pignatari defende a tese *Semiótica e Literatura*; Luiz Costa Lima doutora-se com *Estruturalismo e Teoria Literária* e, finalmente, Boris Schnaiderman recebe o título de doutor pelo estudo *A Poética de Maiakóvski*.

Decorridos onze anos desde a primeira defesa de mestrado, compreende-se um total de trinta e oito trabalhos de pesquisa levados à defesa por Candido, quantidade exorbitante se considerarmos o curto espaço de tempo e o ritmo das pesquisas de pós-graduação no período considerado.

### Providências do crítico literário à frente do curso de TLLC

Até o momento, procurei descrever em detalhe a organização interna da graduação e pós-graduação do curso de TLLC, destacando o desempenho institucional de Candido ao longo do período considerado. Nas páginas que seguem, pretendo sugerir a possibilidade de se comparar as trajetórias acadêmicas de Antonio Candido e Florestan Fernandes no tocante ao modelo de atuação profissional adotado por ambos na condução das respectivas áreas de estudo que os consagraram.

De modo geral, na bibliografia disponível a respeito da história das ciências sociais no Brasil reponta a comparação em que estou interessado, motivada tanto pela preocupação em compreender o processo de institucionalização do curso de Ciências Sociais na FFLC/USP quanto para destacar a singularidade do grupo Clima no interior do meio intelectual paulista. Tais estudos<sup>39</sup>, via de regra, apreendem as carreiras universitárias e os rumos intelectuais distintos tomados por Candido e Florestan através de um contraste quase irreduzível em termos das origens sociais (procedência humilde em contraste com descendência de família abasta-

da), das influências formativas (Roger Bastide e Herbert Baldus versus Jean Magüé e Roger Bastide), dos interesses intelectuais (questões sociológicas restritas em oposição ao interesse permanente pelos estudos literários) e modelos de investigação científica (sociologia científica ao invés de “sociologia como ponto de vista”). Guardadas tais diferenças, pretendo, divergindo desse consenso explicativo, explorar a perspectiva inversa, enfatizando a **semelhança notável entre eles no que concerne às estratégias profissionais e perfil dos investimentos acadêmicos realizados** a partir do momento em que Candido assume a direção do curso de TLLC<sup>40</sup>.

Quando examinados em conjunto, os projetos intelectuais de Candido e Florestan, no tocante à condução da rotina institucional das áreas que lideravam, trazem à tona vários pontos convergentes: ambos renovaram o repertório de referências bibliográficas e autores estudados, formularam amplos projetos investigativos desenvolvidos pelos alunos, redefiniram a hierarquia de objetos legítimos de estudo e pesquisa entre os pares profissionais, lançando as bases para a consolidação do exercício profissional acadêmico das disciplinas científicas a que dedicaram seus esforços.

Instalado na direção da cadeira de Sociologia I, a partir de 1954, quando o regente Roger Bastide retorna para o seu país de origem e o indica como sucessor, Florestan Fernandes, após trilhar um fulgurante itinerário profissional inicial, põe em marcha uma série de atividades e iniciativas que acabam por converter esse núcleo institucional

em um dos maiores centros de produção sociológica do país. Verdadeira ‘instituição dentro da instituição’, responsável pela configuração intelectual da chamada ‘Escola Paulista de Sociologia’, essa cadeira reuniu, sob sua liderança, o grupo mais expressivo de cientistas sociais da faculdade na época (Pontes, 1998, p. 187).

Examinando o papel central exercido por Florestan na formação da chamada “Escola Paulista de Sociologia”, Arruda (1995) elenca os principais recursos utilizados por ele para dar impulso ao seu projeto intelectual e garantir a hegemonia interna da cadeira sob sua responsabilidade: a) seleção e recrutamento, entre os alunos, de jovens sociólogos promissores, formando uma equipe de trabalho coesa com a qual promoveu pesquisas científicas articuladas, buscando dar continuidade e ampliar os resultados analíticos alcançados por suas próprias pesquisas; b) a orientação da grande maioria dos trabalhos científicos produzidos na área das Ciências Sociais, tornando-se responsável por cerca de 50% das pesquisas defendidas na FFCL/USP; c) consolidação de uma agenda temática de assuntos pertinentes e de um estilo de pesquisa característico; d) contatos com as principais editoras comerciais do período, permitindo a publicação dos estudos por ele realizados ou supervisionados, bem como a presença constante do grupo nos periódicos da época<sup>41</sup>.

Dessa perspectiva, torna-se possível espreitar, em algumas iniciativas e programas de trabalho, certos princípios e práticas semelhantes compartilhados, sobretudo no que se refere à promoção do trabalho em grupo, requisito “fundamental para o trabalho científico”<sup>42</sup>. Em prefácio de *A Condição de Sociólogo* (1978), Candido avalia que o sociólogo paulista

mostrou pelo exemplo que o trabalho do cientista se desdobra pelo trabalho de outros cientistas; e que para tanto é preciso haver plano, sistematização, esforço organizado de grupo, senso dos problemas, – culminando, em seu caso, pelo senso imperioso do dever social e político (Candido, 1978, p. xi).

Da mesma forma, Candido procurou conectar o conteúdo temático discutido nos

curso às pesquisas científicas realizadas sob sua direção, tendência observável, conforme vimos, nos estudos sobre o movimento modernista e a crítica literária brasileira, promovendo um conjunto de estudos correlacionados cujos resultados acumulados permitiam subsidiar a reflexão coletiva dos principais membros desse grupo. E, reforçando o paralelo entre eles, Candido, a exemplo de Florestan, se incumbiu de orientar na pós-graduação uma quantidade expressiva de trabalhos, estimulando a publicação da quase totalidade das pesquisas no catálogo das principais editoras comerciais do período<sup>43</sup>.

Por outro lado, do ponto de vista da atuação docente, não se deve esquecer que, ao contrário do sociólogo paulista, principal responsável pela formação e treinamento da equipe de pesquisadores, Candido pôde contar, após a criação da pós-graduação no regime antigo, com a colaboração de parte significativa dos integrantes do grupo Clima, fato que, sem dúvida, favoreceu a manutenção da forte coesão interna do curso. Como Adélia de Menezes pondera: “Em suma: éramos alunos do Grupo Clima! (Seríamos os “chatos netos”?)” (Menezes, 1988, p. 131).

Considerando a relação pessoal estreita entre eles, forjada sobretudo nas várias situações de interação e auxílios mútuos quando ambos exerciam o cargo de professor assistente na Cadeira de Sociologia II, é pouco provável que tenham passadas despercebidas aos olhos de Candido as diversas estratégias mobilizadas por Florestan no processo de implementação de seu projeto de atuação institucional à testa da cadeira de Sociologia I. E a plausibilidade dessa sugestão se reforça quando nos deparamos com a seguinte declaração de Candido, coligida por Peirano:

É na literatura, contudo, que identifica seus alunos: Roberto Schwarz, Walnice Nogueira Galvão, Davi Arrigucci Jr., João Lafetá, José Miguel

Wisnik, por exemplo: “*Esses são os meus Fernando Henriques, os meus Octávio Iannis* (Peirano, 1991, p. 36, grifo meu).

Sob esse aspecto, não faltam referências (registradas em dedicatórias, agradecimentos, depoimentos e escritos de homenagem) assinalando a importância da atuação de Candido para os rumos tomados pela crítica literária acadêmica contemporânea – sobretudo em sua vertente paulista. Ocorre que tal desempenho bem-sucedido é aquilatado, com raras exceções, pelo prisma dos atributos pessoais e suficiência da obra<sup>44</sup>. Como procurei mostrar neste artigo, a conjugação de uma série de fatores de ordem institucional favoreceu a notoriedade amealhada por Candido e, em decorrência, a emergência e consolidação do curso de TLLC como um dos segmentos hegemônicos dessa área de estudos, prolongado em distintas direções e vertentes de pesquisa pela trajetória universitária e intelectual de um grupo coeso de discípulos propensos a perpetuar, em suas linhas gerais, o projeto crítico de seu mentor.

#### **The Education of Suspiciousness: Antonio Candido and Academic Literary Criticism (1961 – 1970)**

**abstract** This paper examines the institutional trajectory and the formative influence of Antonio Candido in the period between 1961 and 1970, when he became the main teacher, supervisor, and mentor of the Literary Theory and Compared Literature course at the University of São Paulo (USP). In particular, it describes in detail the major characteristics of the organizational structure and dynamics of the course and seeks to make evident its importance to the consolidation of the professional identity and recognition achieved by Candido in the field of contemporary literary criticism. In the end, Candido’s model of professional performance

is compared to the initiatives of the sociologist Florestan Fernandes Chair of Sociology I at FFCL/USP from 1954 on.

**keywords** Antonio Candido. Intellectual history. Brazilian literary criticism. São Paulo School of Sociology. Florestan Fernandes.

## Notas

1. Este artigo baseia-se, em grande parte, no segundo capítulo da minha dissertação de mestrado, intitulada *A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1961 – 1978)*, defendida, em 2006, no Departamento de Antropologia Social do IFCH-UNICAMP sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloisa Pontes. No momento, encontro-me cursando o doutorado na mesma instituição. E-mail de contato: [ramassote@hotmail.com](mailto:ramassote@hotmail.com).
2. A tese *Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero* foi apresentada em concurso para provimento da cadeira de literatura brasileira do curso de Letras da FFCL/USP em 1945.
3. A partir deste momento passo a me referir a ele pelas suas iniciais (TLLC).
4. O enfoque deste artigo foi inspirado, sobretudo, nos estudos de Pontes (1998), Vilhena (1997) e Corrêa (2001), os quais, cada um a seu modo, procuraram empreender análises caracterizadas, respectivamente, por um “registro quase etnográfico”, uma “reconstrução etnográfica” ou então uma “leitura antropológica” de seus temas de pesquisa. Num plano mais geral, a proposta de análise procurou levar a sério a célebre exortação de Geertz: “já que os estudiosos modernos não são nem um pouco mais isolados do que os bosquímanos, é possível que o mesmo [métodos e técnicas de investigação utilizados no estudo das sociedades tradicionais] se aplique também a eles” (Geertz, 2002, p. 234). Ver ainda: Miceli (1989; 1995), Kuper (1978) e Cardoso de Oliveira (1998).
5. Para uma análise da questão no conjunto da obra de Candido, com especial atenção para suas implicações no travejamento metodológico da *Formação da Literatura Brasileira* (1959), ver Nitrini (2000).
6. Para além do interesse específico de crítico e estudiosos de literatura comparada, certamente pode-se reconhecer nessa convicção a influência das ciências sociais – sobretudo as noções antropológicas de contato, assimilação e mudança cultural. Cf. Candido, 1993d.
7. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, João Alexandre Barbosa seguiu carreira na área das letras, assumindo em 1963 a direção do curso de Teoria Literária na então Universidade do Recife. Seus contatos pessoais com Candido têm início no II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, realizado, em 1961, pela Faculdade de Filosofia e Letras de Assis. Com o golpe de 64, decide deixar o cargo na capital de Pernambuco após ter por “duas vezes a nossa casa invadida pela polícia, pelo exército”. Na ocasião, procurou por Candido, “que acenou com a possibilidade de vir para cá (São Paulo)”. No entanto, “nesse mesmo ano, o Antonio Candido foi convidado para ir a Paris, mas, através de recomendação e correspondências dele com o escritor Cyro dos Anjos, que era Diretor do Departamento de Letras da Universidade de Brasília, eu fui para lá com minha família no início de 1965” (Barbosa, 1995, p. 26). Pouco tempo depois, com a invasão da UNB pelos militares, Alexandre Barbosa é demitido conjuntamente com boa parte do quadro docente da recém-criada instituição de ensino, sendo obrigando a retornar ao Recife para reassumir suas atividades anteriores. Em fins de 1966, entra em contato novamente com Candido, que nessa altura já havia retornado da França, decidido a vir para São Paulo, fato que se efetiva em 1967, primeiro como bolsista da Fapesp – com a obrigação de ser auxiliar de ensino no curso de TLLC – e, a partir de 1969, integrado definitivamente ao curso, em cujo âmbito defende, em 1970, sob a orientação de Candido, tese de doutorado sobre a obra crítica de José Veríssimo.
8. Não é casual que a tese tenha sido publicada como o primeiro número do Boletim de Teoria Literária e Literatura Comparada.
9. Em passagem do ensaio “Crítica e Sociologia” (2000), Candido assinala, para exemplificar os princípios teórico-metodológicos de sua visada crítica, a importância das relações mercantis sobre as quais repousa o matrimônio dos protagonistas como aspecto estrutural decisivo na composição do romance, assunto certamente tratado durante as discussões da disciplina lecionada.
10. Em 1962, o conteúdo do curso se repete, tomando como fio condutor a leitura de *Fogo Morto*, de José Lins do Rego. Cf. Candido (1995b) e Lopez (1992).
11. Cf. Candido (1987). **O seminário contou com a presença** de Anatol Rosenfeld, Paulo Emílio Salles Gomes e Décio de Almeida Prado, colaborando em suas respectivas áreas de interesse e estudo.



12. Walnice Galvão recorda que a “seus jovens colaboradores ensinava, com paciência e reticência, que os alunos merecem a atenção de uma aula previamente preparada. [...] A aula deve ser estudada, fundamentada, redigida... e até batida à máquina de antemão. Com isso, dizia, em vez de vocês dispersarem seus esforços, a cada par de anos poderão dispor de um ensaio original quase pronto para publicar” (Galvão, 1992, p.48).
13. Parte do conteúdo do curso foi reproduzido em Candido (2004).
14. Cf. Candido (1992a).
15. Sobre o assunto, ver Schwarz (1997; 2004). A respeito da contribuição do autor para a crítica literária e teoria social contemporâneas, ver Cevasco; Ohata (Orgs.) (2007).
16. Cf. Schwarz (1990). Uma amostra significativa da sua produção crítica realizada durante esse período – sobretudo pelos trabalhos de aproveitamento de curso – encontra-se em *A Sereia e o Desconfiado* (1981), primeira publicação de ensaios do autor.
17. Parte do conteúdo ministrado nesse curso encontra-se em Candido (2005). Embora não tenha acompanhado tal disciplina – pois, nesse momento, graduava-se em Letras Neo-Latinas na Pontífice Universidade Católica (PUC) de São Paulo, ingressando no curso apenas em 1962, com isso sendo obrigada a frequentar “também as aulas do quarto ano – *Fogo Morto*, de José Lins do Rego” – certamente as preocupações daí decorrentes foram importantes na produção intelectual de Telê Ancona Lopez, principal representante dessa vertente de pesquisa entre os discípulos de Candido, como atestam, por exemplo, a edição crítica do romance *Macunatma* (1978) e a elaboração, entre outros, de volumes de crônicas, viagens, correspondências e entrevistas de Mário de Andrade.
18. Sobre tal tendência, Candido afirma: “Há uma tradição universitária, não brasileira, mas universal, de você só estudar autores mortos. Tem uma certa justificativa: a obra está pronta, você tem uma perspectiva completa. Na França, por exemplo o primeiro autor moderno a ser estudado na Sorbonne foi Guillaume Apollinaire, em 1960, mais ou menos, depois de 42 anos de sua morte em 1918, por iniciativa de uma mulher, Marie Jeanne Durry. Objeto de tese podia ser, como Valéry foi ainda vivo. Mas dar curso para os alunos não podia. Isso é universal” (Candido, 2002b, p. 25). No entanto, Candido, à frente do curso, adotou “um ponto de vista diferente, inclusive devido ao que li no Anuário do Instituto de Inglês, da Universidade de Columbia, para o ano de 1940, livro que Mário de Andrade me deu. Lá havia um estudo de William York Tindall sobre a pesquisa erudita em literatura contemporânea, tão legítima quanto qualquer outra” (Idem, p. 25).
19. Sobre o pioneirismo de erigir o movimento modernista como “tema de pesquisa histórico-literária”, ver Arnoni Prado (1992) e Arriguicci Jr. (1999).
20. Conforme Pontes demonstra, ao examinar as relações entre o grupo Clima e os principais expoentes do modernismo paulista, se, num primeiro momento, os jovens universitários enfatizaram sua diferença em relação a eles – utilizando-se como marca distintiva a formação rigorosa e treinamento técnico recebidos dentro da FFLC/USP –, numa fase posterior eles se reconhecem como herdeiros legítimos dessa linhagem intelectual. Cf. Pontes (1998).
21. Cf. Candido (1995a).
22. Cf. Mello e Souza, Gilda e Candido, Antonio (1980).
23. Exemplo da simbiose conjugal avistada por Waizbort (2007) seriam, neste ensaio, as aproximações da poesia de Bandeira com a música e a pintura, interesses recorrentes na visada crítica de Gilda de Mello e Souza.
24. Formada em Ciências Sociais pela FFCL/USP, Walnice Nogueira Galvão passou a frequentar as disciplinas oferecidas por Candido no curso de TLLC, decidindo-se pela carreira no campo das letras. Após lecionar durante um curto período na Universidade Estadual Paulista de São José do Rio Preto (SP), retornou em 1965 à instituição de origem para integrar o quadro docente do curso de TLLC. Em 1970, defende tese de doutorado na área de sociologia, sob a orientação de Ruy Coelho, a respeito do romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, publicada com o título de *As formas do falso* (1972).
25. Sobre o Grupo Clima, ver Pontes (1998).
26. Aluna de Candido e depois docente do curso de Letras da Faculdade de Filosofia e Letras de Assis, Teresa Pires Vara passa, a partir de 1964, a frequentar a pós-graduação do curso de TLLC, sendo contratada em 1969 para compor a equipe de profissionais da área de TLLC. Em 1972, sob a orientação do antigo professor, defende tese de doutorado sobre o romance *Quincas Borba* (publicada com o título de *A mascarada sublime*).
27. A respeito da passagem pela Universidade de Madison, Wisconsin, ver Barbosa (1979).
28. É possível que o ensaio “Degradação do Espaço” (1993e), uma análise da correlação funcional dos ambientes, das coisas e do comportamento em *L'Assomoir*, de Emile Zola, dedicado à memória de William Mac

- Connell, seja resultado do curso oferecido na renomada instituição acadêmica norte-americana.
29. Tal ensaio, explica Candido, “na verdade é uma retomada em 1991 das notas de um curso de pós-graduação que dei em 1969” (Candido, 1993d, p. 39).
  30. Ao contrário do que supõe Nitrini, para quem Candido “fundou e dirigiu um círculo de estudos de literatura comparada, de 1962 a 1964, orientando dissertações de mestrado e teses de doutoramento de literatura comparada” (Nitrini, 2000, p. 194), os encontros do Círculo de Literatura Comparada na realidade foram realizados na segunda metade da década de sessenta.
  31. Embora Candido tenha incentivado o estudo da literatura comparada, “só em 1969 foram dados os primeiros cursos regulares, em nível de graduação; aliás, sem prosseguimento imediato. Eles se consolidaram a partir de 1971, aos cuidados de Onédia de Carvalho Barboza” (Candido, 1993a, p. 214).
  32. Nascido em São João da Boa Vista (SP), em 1943, Davi Arrigucci Jr. cursou Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo entre 1961 e 1964, sendo convidado já no primeiro ano pelo “Prof. Julio Garcia Morejón para ser seu assistente na então Cadeira de Espanhol”, e contratado, após formar-se, como professor assistente na área mencionada, na qual permaneceu até 1968. Nesse ano, ao se indispor com o regente, “teve que pedir demissão”. Graças à intervenção de Candido, de quem fora aluno na graduação no curso “Estudo analítico do poema”, que aceitou, “primeiro por carta – ele se achava então nos Estados Unidos –, e logo de viva voz” (Arrigucci Jr., 1990, p. 10), orientá-lo e ao mesmo tempo convidou-o para integrar, em 1969, a equipe de trabalho da área de TLLC, Arrigucci Jr. pôde concluir sua tese de doutorado sobre o escritor argentino Julio Cortázar, defendida em 1972.
  33. No ano de 1976, Schwarz apresenta sua tese de doutorado em Letras na Universidade de Paris III. Com o título de “Forma Literária e Processo Social nas Origens do Romance Brasileiro”, sob a orientação de Raymond Cantel, diretor do Institut d’Études Portugaises et Brésiliennes da Universidade de Paris III, o candidato realizava uma leitura inovadora da primeira fase da produção literária de Machado de Assis, detectando as relações de favor e compadrio no cerne desse universo ficcional. Em seu memorial acadêmico, revela que o trabalho foi inicialmente recusado pela banca examinadora, “depois aceito e aprovado tal qual, com menção ‘très bien’” (Schwarz, 1990, p. 3).
  34. Defendida em plena Sorbonne, cujo modelo de padrão e excelência intelectual, de acordo com o quadro traçado por Roland Barthes em polêmica com Raymond Picard na defesa da nova crítica (2003), repousava nos métodos tradicionais de crítica e historiografia literária herdados do século XIX – centrados na pesquisa de fontes e erudição, nos elementos de ordem biográfica e dados contextuais – não é difícil imaginar a resistência que o conteúdo da tese de Schwarz deve ter encontrado diante da banca examinadora (ideias fora do lugar, presença mediadora do favor, ideologia de segundo grau, etc.). A despeito da opinião inicial desfavorável, o trabalho foi aceito, e seu autor conquistou enfim o título de doutor em literatura brasileira. Para uma apreciação apurada das particularidades do método analítico desenvolvido por Schwarz, ver Miceli (2004).
  35. Informações extraídas do Memorial Acadêmico de Candido, apresentado para Concurso de Professor Titular de Teoria Literária e Literatura Comparada no ano de 1974.
  36. Para efeito expositivo, opto, quando a pesquisa foi publicada, pela indicação do título comercial, conservando os títulos acadêmicos originais nos demais casos.
  37. Tal ciclo de pesquisas estimulou a incorporação do acervo pessoal de Mário de Andrade ao IEB (Instituto de Estudos Brasileiros). Cf. Caldeira, 2002, p. 73.
  38. Um depoimento mais completo se encontra em Candido (2002c).
  39. Tem-se notícia da tentativa de implantação de um terceiro grande projeto de pesquisas a respeito do período literário Pré-Modernista, como nos informa Arnoni Prado. Cf. Arnoni Prado, 2000, p. 126.
  40. Estou me referindo sobretudo aos trabalhos de Arruda (1995; 2003), Garcia (2002), Peirano (1991), Peixoto (2000) e Pontes (1998).
  41. Ressalvo que se tal comparação permite esclarecer certas opções que, a meu ver, nortearam a empreitada acadêmica empreendida por Candido, não se deve perder de vista que os processos de institucionalização dos cursos de Ciências Sociais, em especial da dinâmica entre as cadeiras de Sociologia I e Sociologia II, e o curso de TLLC – a rigor, ligado ao Departamento de Linguística e Línguas Orientais, durante o período em consideração –, referem-se a contextos distintos no interior da USP.
  42. Sobre o assunto, ver Jackson (2004).
  43. Segundo Arruda, a “ideia da formação do grupo seletivo de sociólogos, meticulosamente selecionados por ele para compor o corpo de seus assistentes, ele retirou, como sugerimos, da Escola de Sociologia e

Política de São Paulo” (Arruda, 1995, p. 192). Em artigos recentes, Jackson (2007a; 2007b) enuncia a comparação que estou esboçando.

43. Tal como Florestan, Candido se incumbiu de prefaci- ar quase todos os estudos por ele orientados. Nessas intervenções podem-se encontrar, de um lado, sutis indicações das divergências e/ou contestações de Candido em relação sobretudo à influência acentuada do paradigma de análise estruturalista, que se encontrava no apogeu de sua afirmação internacional, e, de outro, registros de pequenos fragmentos reveladores da dinâmica intelectual interna da área de TLLC. Já os prefácios assinados por Florestan salientam, de modo geral, o esforço dos autores em consolidar um padrão de trabalho científico de pesquisa sociológica, ressaltando a pujança do arcabouço teórico-metodológico empregado por eles na interpretação de problemas sociológicos candentes, bem como exortando a capacidade da ciência em indicar caminhos para a transformação social.
44. Embora não tenha tratado diretamente do assunto neste artigo, cabe lembrar que a parcela mais significativa da produção crítica de Candido é elaborada – ou publicada – ao longo desse decênio e meio, incluindo seus trabalhos de maior projeção. É importante lembrar que até 1961 Candido havia publicado *Brigada Ligeira* (1945), *Ficção e Confissão* (1956), *O Observador Literário* (1959) e a *Formação da Literatura Brasileira* (1959). Com exceção do último, clássico de nossa historiografia literária, os demais volumes são coletâneas de artigos publicados pelo autor na grande imprensa. Em compensação, no período aqui considerado são lançados *Tese e Antítese* (1964), *Literatura e Sociedade* (1965) e *Vários Escritos* (1970), bem como alguns de seus principais ensaios avulsos, tais como, por exemplo: “Literatura de Dois Gumes” (1968), “Literatura e Subdesenvolvimento (1968), “Dialética da Malandragem” (1970), “O Mundo Provérbio” (1972).

## Referências bibliográficas

- AGUIAR, Flávio. *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas/Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999.
- ARRIGUCCI JR., Davi. Memorial Acadêmico apresentado no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada das FFLCH-USP, 1990.
- \_\_\_\_\_. *O Escorpião Encalacrado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. Entrevista. In: \_\_\_\_\_. *Outros achados e perdidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 341-374.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A Sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a “escola paulista”. In: MICELI, Sergio. *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.2. São Paulo: Editora Sumaré, 1995, p. 107-231.

\_\_\_\_\_; GARCIA, Sylvia Gemignani. *Florestan Fernandes, mestre da sociologia moderna*. Brasília, Paralelo 15, 2003.

BARBOSA, João Alexandre. *A Tradição do Impasse*. São Paulo: Editora Ática, 1974.

\_\_\_\_\_. A formação do DTLIC – Depoimento. In: *Magma*, São Paulo, nº 2, 1995, p. 25-29.

BARBOSA, Francisco de Assis. Madison, Ws, 1968. In: LAFER, Celso. (Org.). *Esboço de Figura*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979, p. 59-61.

BARBOSA, Onédia. *Byron no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1975.

BARTHES, Roland. As Duas Críticas. In: \_\_\_\_\_. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 149-155.

BOLLE, Adélia Bezerra de Menezes. *A obra crítica de Álvaro Lins*. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *IEB: origem e significados*. São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes/ Imprensa Oficial do Estado, 2002.

CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

\_\_\_\_\_. Teoria da Literatura e Pós-graduação. In: *ALFA*, Marília (SP), nº. 18/19, p. 415-417, 1973.

\_\_\_\_\_. Memorial apresentado para concurso de professor titular de Teoria Literária e Literatura Comparada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 3 de julho de 1974.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: BARBOSA, Onédia. *Byron no Brasil: Traduções*. São Paulo: Ática, 1975, p. 9-13.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: FERNANDES, Florestan. *A condição do sociólogo*. São Paulo: Hucitec, 1978, p. vii-xiv.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: CARA, Salette. *A Recepção Crítica*. São Paulo: Editora Ática, 1983, p. vvii-x.

\_\_\_\_\_. Literatura e personagem. In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, p. 11-49.

\_\_\_\_\_. *O Método Crítico de Silvio Romero*. São Paulo: Edusp, 1988. (Passado & Presente).

\_\_\_\_\_. Entrevista. In: \_\_\_\_\_. *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1992, p. 229-246. (Biblioteca básica).

- \_\_\_\_\_. Literatura comparada. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993a, p. 211-215.
- \_\_\_\_\_. O Poeta Itinerante. In: \_\_\_\_\_. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1993c, p. 257-278.
- \_\_\_\_\_. Os vários mundos de um humanista. [jun. 1993]. Entrevistadores: Gilberto Velho e Yvone Leite. In: *Ciências Hoje*, vol. 16, nº 91, p.28-41, 1993d.
- \_\_\_\_\_. Degradação do espaço. In: *O Discurso e a Cidade*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1993e, p. 55-94.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: \_\_\_\_\_. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo, Editora Ática, 1995a, p.5-6. (Fundamentos, 1)
- \_\_\_\_\_. Carta de Antonio Candido. In: *Magma*, São Paulo, nº 2, p.31-36, 1995b.
- \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1995c.
- \_\_\_\_\_. Esquema de Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*, São Paulo: Editora Duas Cidades, 1995d, p.17-39.
- \_\_\_\_\_. Inquietudes na poesia de Drummond. In: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1995e, p. 111-145.
- \_\_\_\_\_. Crítica e sociologia. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000, p.5-16.
- \_\_\_\_\_. Entrevista. In: MARTINS, Marília; ABRANTES, Paulo (Org.) *Três Antônio e um Jobim*, Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 2001, p.89-129.
- \_\_\_\_\_. *Textos de Intervenção*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 2002.
- \_\_\_\_\_. A grande revolução cultural do país [jan./fev.2002]. Entrevistador: Walnice Nogueira Galvão. In: *Leitura*, São Paulo, p.6-35, 2002b.
- \_\_\_\_\_. O pioneirismo do mestre. In: *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, p. 94-95, Edição Especial da Fapesp 40 anos, 2002c.
- \_\_\_\_\_. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Noções de análise histórico-literária*. São Paulo: Humanitas, 2005.
- \_\_\_\_\_. A culpa dos reis: mando e transgressão no *Ricardo II*. In: NOVAES, Adauto. *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.120-138.
- CARA, Salete. *A Recepção Crítica*. São Paulo: Editora Ática, 1983.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. A vocação meta-disciplinar da etnografia da ciência. In: *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1988, p.161-180.
- CEVASCO, Maria Elisa; OHATA, Milton (Orgs.) *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- CHALMERS, Vera M. *3 linhas e 4 verdades*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1976.
- CHIAPPINI, Lígia. *O Modernismo Gaúcho*. São Paulo: IEB-USP, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Regionalismo e Modernismo*. São Paulo: Editora Ática, 1978.
- CORRÊA, Mariza. *As Ilusões da Liberdade – A Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSEF, 1998.
- COVIZZI, Lenira. *O Insólito em Guimarães Rosa e Borges*. São Paulo: Editora Ática, 1978.
- DINCAO, Maria Ângelo; SCARABÓTOLO, Eloisa F. (Orgs.). *Dentro do Texto, Dentro da Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FERES, Teresinha Nites. *Leituras francesas de Mário de Andrade*. São Paulo: IEB-USP, 1969.
- FERNANDES, Florestan. Em busca de uma sociologia crítica e militante. In: \_\_\_\_\_. *A sociologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977, p.140-212.
- FORJAZ, Maria Spina. *As Ciências Sociais na Fapesp*. São Paulo: IDESP, 1989. (Série História das Ciências Sociais, 10).
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As Formas do falso*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- \_\_\_\_\_. A aula. In: D'INCAO, Maria Ângela e SCARABÓTOLO, Eloisa Faria. (Org.) *Dentro do texto, Dentro da Vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992. p. 48-49.
- GARCIA, Sylvia Gemignani. *Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- GEERTZ, Clifford. Como pensamos hoje: a caminho de uma Etnografia do Pensamento Moderno. In: \_\_\_\_\_. *O Saber Local*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002, p. 220-245.
- GREMBECKI, Maria Helena. *Mário de Andrade e L'Esprit Nouveau*. São Paulo: IEB-USP, 1969.
- JACKSON, Luiz Carlos. *A Tradição Esquecida*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- \_\_\_\_\_. A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965). *Tempo Social*, São Paulo, v. 16, n. 1, 2004, p. 263-283.
- \_\_\_\_\_. Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969). *Tempo Social*, São Paulo, v. 19, n. 1, 2007a, p.115-130.
- \_\_\_\_\_. Tensões e disputas na sociologia paulistas (1940-1970). In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.22, nº 65, outubro, 2007b, p. 33-49.

- KUPER, Adam. *Antropólogos e Antropologia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1978.
- LAFER, Celso. *Esboço de Figura*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1979.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2000.
- LAJOLO, Mariza. *Usos e Abusos da Literatura na Escola*. Rio Grande do Sul: Editora Globo, 1982.
- LIMA, Luiz Costa. *Estruturalismo e Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1973.
- LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1972.
- \_\_\_\_\_. Ser aluna de Antonio Candido. In: D'INCAO, Maria Ângela e SCARABÓTOLO, Eloísa Faria. (Org.). *Dentro do texto, Dentro da Vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 41-47.
- MELLO E SOUZA, Gilda; CANDIDO, Antonio. Estrela da Vida Inteira. In: MELLO E SOUZA, Gilda. *Exercícios de Leitura*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1980, p.57-77.
- MENESES, Adélia Bezerra. Maria Antonia: Década de 60. In: SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. (Org.). *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.
- MICELI, Sergio. (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.1. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1989.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.2. São Paulo: Editora Sumaré, 1995.
- NITRINI, Sandra. Teoria Literária e Literatura comparada. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 8, n. 22, 1994, p. 473-480.
- \_\_\_\_\_. *Literatura Comparada*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- \_\_\_\_\_. Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada. In: *Informe*, São Paulo, nº 10, 2004.
- PEIRANO, Mariza G. S. O pluralismo de Antonio Candido. In: \_\_\_\_\_. *Uma antropologia no plural*. Brasília: Editora da UNB, 1991, p.25-49.
- PEIXOTO, Fernanda Áreas. *Diálogos brasileiros: uma análise da obra de Roger Bastide*. São Paulo: Edusp/ FAPESP, 2000.
- PIGNATARI, Décio. *Semiótica e Literatura*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- PONTES, Heloisa. *Destinos Mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra/MEC, 1976.
- \_\_\_\_\_. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. Anotador à margem. In: D'INCAO, Maria Ângela; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria. (Org.) *Dentro do texto, Dentro da Vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.135-141.
- \_\_\_\_\_. Entrevista com Antonio Arnoni Prado. Entrevistadores: Augusto Massi, Luiz Roncari et alli. *Teresa - Revista de Literatura Brasileira*, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (FFLCH), nº 1, 1º semestre de 2000. São Paulo, Ed. 34, p.124-137, 2000.
- RAMASSOTE, Rodrigo M. *A formação dos desconfiados: Antonio Candido e a crítica acadêmica (1961-1978)*. 2006. 165f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, 2006.
- \_\_\_\_\_. A sociologia clandestina de Antonio Candido. In: *Tempo Social*, São Paulo, vol. 20, nº 1, p. 219-237, 2008.
- \_\_\_\_\_. Antonio Candido, leitor de poesia (em torno de um artigo de Ítalo Moriconi). In: *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.14, n.27, p.445-463, 2009a.
- \_\_\_\_\_. Na sala de aula: Antonio Candido e a crítica literária acadêmica (1960-1970). *Literatura e Sociedade*, São Paulo, v.12, p.88-101, 2009b.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. Antonio Candido, sempre agora. *Revista USP*, São Paulo nº 13, p. 173-178, mar.maio, 1992.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *A Poética de Maiakóvski*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1979.
- \_\_\_\_\_. *A Sereia e o Desconfiado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- \_\_\_\_\_. Memorial acadêmico apresentado no Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos Lingüísticos (IEL), UNICAMP, 1990.
- \_\_\_\_\_. (1997) Entrevista [jun. 1997]. Entrevistador: Fernando de Barros Silva. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 01, junho, 1997. Caderno Mais!, p. 4-7, 1997.
- \_\_\_\_\_. Um crítico na periferia do capitalismo. [Abril 2004]. Entrevistadores: Luiz Henrique Lopes dos Santos e Mariluce Moura. In: *Pesquisa Fapesp*, São Paulo, nº98, p.12-19, 2004.
- SCHWARTZ, Jorge. *Murilo Rubião: A poética do Uroboro*. São Paulo: Editora Ática, 1981.
- SPERBER, Suzy Frankl. *Caos e Cosmos. Leituras de Guimarães Rosa*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1976.
- VARA, Teresa. *A Mascarada Sublime*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1976.

- \_\_\_\_\_. Esboço de figurino. In: AGUIAR, Flávio. *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas/Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999, p.225-236.
- \_\_\_\_\_. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/FGV, 1997.
- VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: Funarte, Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- WAIZBORT, Leopoldo. *A passagem do três ao um*. São Paulo, Cosac Naif, 2007.
- WISNIK, José Miguel. *O Coro dos Contrários – a música em torno da semana de 22*. São Paulo: Editora Duas Cidades, 1977.
- Candido, Antonio. Entrevista concedida ao pesquisador. 15 de junho de 2005

**autor**            **Rodrigo Martins Ramassote**  
Doutorando em Antropologia Social / Unicamp

*Recebido em 07/03/2010*

*Aceito para publicação em 20/09/2010*